

O ESPORTE (DES) EDUCA?

Prof. Cláudio Miyagima *

Esta é uma interrogação que alguns profissionais fazem, enquanto outros têm clareza (mesmo que em concepções opostas) do papel do esporte frente à educação da criança. Estes conflitos são gerados, na medida que o esporte passa a ser analisado numa dimensão sócio-econômico-político e cultural na qual se insere e por outro, sob a ótica do esporte na sociedade, como elemento isolado e funcional. Nesse processo dialético é que a compreensão da questão se amplia, contrapondo, desta maneira, um determinado tipo de clareza que alguns têm do tema, originária de uma visão positivista e fragmentada de que o esporte contribui para o aspecto estrutural e funcional do sistema vigente.

Em torno desta contradição é que pensou-se em compendiar a questão, contudo, preocupados em não perder o caráter amplo e crítico que o presente tema requer.

Inicialmente, não visualiza-se outro ponto senão o de conceituar EDUCAÇÃO, um dos termo-alvo do problema. No sentido etimológico, essa expressão tem sua origem nos verbos latinos "educare", com significado de alguma coisa que se oferece a alguém e "educere", que manifesta a idéia de conduzir para fora, fazer aflorar, provocar expressão. Como se observa, já no sentido semântico, a palavra educação contém uma contradição, a partir do momento que admite sob a mesma raiz, sentidos diferentes. O sentido de "educare" supõe um movimento de fora para dentro, uma idéia de pôr na forma o indivíduo, para que melhor se adapte a uma condição social pré-existente. O valor maior que se transmite é o da obediência e melhor será aquele que com disciplina souber se adaptar a ela, independente da vontade própria ou da validade que possa ter para a vida do educando. Por outro

lado, a idéia de "educere" manifesta-se muito mais pela intenção de libertação de potencialidades que são latentes na pessoa humana e que dependem de estímulos para se manifestarem. Nessa perspectiva, educação é vista principalmente como processo e que o homem é um ser em transformação, tanto de si mesmo, quanto da sociedade em que vive. Assim, a instituição escolar será sempre um lugar de conflito, de crítica e de mudança (3).

E nós, estamos educando as crianças dentro de que conceito, "educare" ou "educere"?

Nietzsche, ao tecer uma crítica radical à civilização ocidental, diz que ela educa os homens para desenvolverem apenas o instinto da tartaruga, pois é o animal que, no momento decisivo ou do perigo, recolhe a cabeça para dentro de sua casca, anula todos os seus sentidos, fechando-se ao mundo, nada vendo, nada sentindo, nada ouvindo, nada ameaçando. Têm-se então, ensinado o homem a ser servil e pacífico, depositando todas as suas esperanças num poder maior ou no fim das tempestades.(7)

Se no contexto sócio-educacional a prática da educação no sentido de "educare" e a formação de "tartarugas" ainda está a permear, vinculadas às teorias não-críticas da educação (Pedagogia Tradicional, Escola Nova e Tecnicista) (8) e onde a autonomia e dissociação da educação frente à realidade social é evidente, observam-se teorias que tentam superá-las, passando então, pelas teorias Crítico-Reprodutivistas(8) que, se por um lado, compreendem a educação a partir dos seus condicionamentos sociais, ela é ainda, dependente desta estrutura social. Evidencia-se, contudo, a teoria Histórico-Crítica dos Conteúdos(8), centrada na idéia de que a prática educacional se faz pela

* Professor da Universidade Federal do Paraná - UFPR

transmissão e assimilação dos conteúdos e na aquisição de habilidades de assimilação e transformação desses conteúdos, no contexto de uma prática social.

Ao inserir a Educação Física neste quadro, Bracht observa um grande número de professores com uma visão "biológica", a partir da qual o papel da Educação Física seria melhorar a aptidão física dos indivíduos, estando mais preparados para servir à atual estrutura social. Uma outra visão, denominada de "biopsicológica", utiliza-se de uma abordagem onde a Educação Física atua sobre os domínios psicomotor, cognitivo e afetivo, porém, nenhuma delas supera a visão histórica do papel social da Educação Física, na medida que o seu papel é formar física e psicologicamente um cidadão que desempenhe o melhor possível (dentro e para a atual estrutura social), portanto, circunscrevendo-as no campo das teorias não-críticas da educação. Nesta direção, ouve-se com frequência que o esporte educa, porque ensina a criança a conviver com a vitória e a derrota, ensina a respeitar as regras do jogo, ensina a competir (pois a vida é uma eterna competição), desenvolve a disciplina (simples obediência), etc... Realmente o esporte educa, porque aqui significa levar o indivíduo a internalizar valores, normas de comportamento que lhe possibilitarão se adaptar à sociedade de rendimento, contribuindo com sua harmonia e seu melhor funcionamento.⁽¹⁾

O jovem sendo confrontado muito cedo com princípios de rendimento, dele se espera não só suportar e respeitar as diferenças de desempenho (diferença de classes), como também, poder alcançar uma determinada classe (dominante), VOCÊ PODE SER UM PELE NA VIDA, SÓ DEPENDE DE VOCÊ! Esta é uma visão positivista que a classe dominante impõe, no sentido de mostrar que a classe dominada é impotente e por isso a melhor saída é deixar de lutar por esta, passando para o outro lado. Contudo, as análises que criticam a função socializadora que o esporte cumpre, partem de teorias desenvolvidas por e a partir de Marx e Engels, onde acredita-se que é mais correto ver a sociedade do ponto de vista de suas contradições históricas (Demo, 1983)⁽¹⁾. Gruneau apud Loy et. al (1978),

coloca que a partir da ótica do conflito o esporte precisa ser entendido no contexto mais amplo das condições objetivas das sociedades capitalistas; que está intimamente relacionado com as diferenças de classe em termos de poder e riqueza; e que todo esporte competitivo (performance) reflete a ideologia burguesa⁽¹⁾.

Nesse sentido, a Educação Física/Esporte nas escolas é um dos aspectos a ser repensado, na medida que propõe conteúdos padronizados (1ª Bimestre-Volibol, 2ª Bimestre-Handebol, etc....), onde seus objetivos (o aluno deverá ser capaz de executar 10 saques... corretamente) são calcados numa Pedagogia Técnica, onde o processo metodológico e sua forma de avaliação relevam o gesto técnico.

A exigência de trabalhos teóricos (quando se exige, e por vezes somente para os alunos dispensados) passa pelo histórico da modalidade, onde os critérios de avaliação são pelo quantitativo de páginas, pela estética na apresentação e pela cópia fiel ou não dos fatos ocorridos.

Ghiraldelli, ao propor uma Educação Física numa concepção Crítico-Social dos Conteúdos, indica o desenvolvimento do esporte numa perspectiva histórica e social. Os alunos poderão levantar pontos críticos da história de uma determinada modalidade, estabelecendo uma relação da sociedade na qual estes se inserem, com a do país que lhe deu origem. Por exemplo: O Basquetebol foi inventado para servir que tipo de sociedade? É possível manter a sua característica, suas regras e técnicas para as crianças que temos e que pretendemos? Ainda, os alunos poderão jogar com as regras primitivas de cada esporte e compará-las com as atuais.⁽⁶⁾ Por exemplo: Na história do Basquetebol, consta que as primeiras regras admitiam quarenta jogadores em cada equipe, pois era mais interessante praticá-lo de forma recreativa e a praxe adotada era o dividir os alunos em dois grupos. No entanto, com o objetivo de tornar mais científico (mais técnico) reduziu-se o número de jogadores para cinco em cada equipe.⁽⁴⁾ Poderão levantar questões, como: Estas alterações estavam para servir a que classe social e com que objetivos?

E que tipo de disciplina deve-se bus-

car, senão aquela da simples obediência às regras do jogo?

Para Gramsci, o desenvolvimento da disciplina, dificilmente fracassa, na proporção que esta é fixada pela própria coletividade como um meio necessário para que esta crie e encaminhe uma assimilação responsável e lúcida das diretrizes a realizar. Portanto, significa a capacidade de comandar a si mesmo, de se impor aos caprichos individuais e às veleidades desordenadas, significa direção consciente e espontaneidade, através de um processo de fixação da mesma, pelos participantes, com a máxima tolerância e respeito. Aquela disciplina imposta, que resulta na cega obediência, está fadada ao fracasso.⁽⁵⁾

E o caráter competitivo que o esporte impõe?

Bracht coloca que a competição sendo um elemento motivador não precisa ser menosprezado, pois ela é desejável, na proporção que os competidores encaram seus oponentes como companheiros do jogo, indesejável a partir do momento que encaramos como rivais, buscando a vitória a todo custo, e mais indesejável quando transforma estes em inimigos.⁽²⁾ Infelizmente, estas situações indesejáveis são alimentadas, como no caso de dirigentes, com o objetivo de adquirir prestígio, tanto pessoal quanto empresarial.

EDUCAÇÃO ESCOLAR

- Os jogos escolares servem para a fraternidade! Para a socialização dos participantes! Para a prática salutar das atividades esportivas! Para a educação, enfim...
- Seu diretor, a escola do senhor participa dos jogos escolares?
- Claro! Somos uma instituição educacional.
- E quais os resultados educacionais da participação do seu colégio?
- Duas medalhas de ouro, cinco de prata, três de bronze, e o nosso time de basquete tava massacrando os inimigos quando foi desclassificado por um juiz ladrão!

(Bracht, V. A Opção do Professor de Educação Física)

Com isso, o professor de Educação Física passa a ser um técnico desportivo nas aulas de Educação Física, confundindo esporte-fim com esporte-meio, privilegiando

talentos e discriminando os menos habilitados.

Frente a este quadro e em busca de uma Educação Física transformadora, o trabalho do professor deve ir além da pura e simples transmissão das técnicas do esporte, da dança, etc... É fundamental que o professor exerça a função de socializador da cultura erudita e que realmente a aula de Educação Física se transforme num ambiente onde a riqueza cultural se estabeleça como trampolim para a crítica.⁽⁶⁾

Obviamente, esta atuação implica, dentre outras, a formação do professor num nível superior ao que se vê atualmente. Enquanto esta formação do profissional estiver vinculada às pedagogias acríticas, enquanto os planejamentos das disciplinas de caráter prático-desportivo estiverem sendo planejados num padrão linear de: Histórico e Regras, Técnicas e Táticas, enquanto acharem que o esporte escolar precisa ser amenizado apenas no seu rigor dos gestos técnicos, enquanto estiverem pensando Educação Física/Esporte como segmento isolado do contexto social, estarão sempre e sempre indo de encontro com aquela educação, no sentido de "educare".

PENSAR QUE A COMPETÊNCIA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DEVE PASSAR PELO ASPECTO PURAMENTE TÉCNICO E QUE AS QUESTÕES PEDAGÓGICAS COMPETEM AOS PEDAGOGOS, AS SOCIAIS AOS SOCIOLOGOS E AS POLÍTICAS AOS POLÍTICOS, É SER, NO MÍNIMO, INTRANSIGENTE!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Bracht, V.A. Criança que Pratica Esporte Respeita as Regras do Jogo... Capitalista. Texto, Deptº de Educação Física, UEM, Maringá, 1985.
2. "A Educação Física Escolar no Campo da Vivência Social". In: Revista do CBCE, São Paulo, 9(3)23-39, 1988.
3. Cunha, M.I. "A Educação Física em Questão: Papel e Significado na Educação. Apostila, Seminário Nacional de Professores de Educação Física de Segundo Grau, Pelotas, s.d.

4. Daiuto, M.B. Basquetebol – Arbitragem e Regras Oficiais Comentadas, São Paulo – Ed. Brasil, s.d.
5. Franco, L.A.C. A Disciplina na Escola. Texto CENAFOR, Ministério da Educação e Cultura. s.d.
6. Ghiraldelli Jr., P. Educação Física Progressista – A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira, São Paulo, Ed. Loyola, 1988.
7. Rodrigues, N. Lições do Princípio e Outras Lições. São Paulo, Cortez Edit/Autores Associados, 1985.
8. Saviani, D. Escola e Democracia. Cortez Edit/Autores Associados, 1986.